

# *Inivicta* *Cine*

ANO X

N.º 167



EDWINA BOOTH

SEMANARIO ILUSTRADO  
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50  
c<sup>os</sup>



# Invicta Cine

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

-SINGRANDO CONTRA TODAS AS PROCELAS-

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:  
**ROBERTO LINO**  
É  
**SOUTINHO D'OLIVEIRA**  
REDACTOR PRINCIPAL:  
**ALVES COSTA**  
ADMINISTRADOR:  
**JOAQUIM TEIXEIRA**  
PROPRIEDADE DA  
**EMPRESA INVICTA-CINE**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO PROVISÓRIA:  
RUA DAS MUSAS, 45-PORTO (PORTUGAL)

ANO X  
Número 167  
PORTO  
3) DE ABRIL  
1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPO-LITO  
GONÇALVES & NOGUEIRA, LIMIT.-PORTO

REDACTORES:  
LISBOA: FERNANDO BARROS  
E AGUINALDO MACHADO  
PARIS: DANIEL MAYBON, ROBERT  
GAILLARD, GEO POIRIER E MAURICE  
HILÉRO  
NOVA-YORK: ARTUR COELHO  
VIENA (AUSTRIA): FRITZ MIKO  
ROMENIA: SAMUEL STEINBERG  
COLABORADOR ARTÍSTICO:  
FERNANDO LACERDA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## VISITE

### A NOVA SECÇÃO DE PORCELANAS

### DA CHINA E DO JAPÃO

## RADIO-PORTO

156 -- AVENIDA DOS ALIADOS -- 162

Uma imagem do famoso documentário de S. Van Dyke, "Trader Horn", a maior produção até hoje filmada nas selvas africanas, "Trader Horn" é apresentado brevemente no Cinema Aguia d'Ouro.



# CINEMA PORTUGUÊS

Uma palestra com o sr. Alfredo Allen a propósito da « Sociedade de Filmes Sonoros Portugueses »

Não são ainda decorridos muitos meses que o Sr. Alfredo Allen nos deu a honra de se deixar entrevistar para a *Invicta-Cine*. Coube a agradável tarefa ao autor destas linhas que transcreveu essa entrevista com o título « O Entêrrro do Gramofone », da qual os leitores, decerto, ainda se recordam.

A maneira extremamente cativante, que nunca mais esquecemos, como então nos atendeu, deu-nos agora coragem para que ousássemos importuná-lo pedindo-lhe nova entrevista. O assunto é palpitante e oportuno, merecendo as mais largas referências.

O Sr. Alfredo Allen, já sabíamos, é o representante do « Grande Bazar do Pôrto » na « Sociedade de Filmes Sonoros Portugueses », fazendo parte, como tal, do conselho de produção. Procurámo-lo para que nos dissesse qualquer coisa dos propósitos e dos trabalhos da Sociedade que nos podessem interessar desde já e para dêles darmos conhecimento aos nossos leitores.

De princípio o nosso intuito não foi coroado de êxito. O Sr. Alfredo Allen, quando o procuramos da primeira vez, encontrava-se em Lisboa. Sabido, porém, ao certo, o dia da sua chegada, não demoramos a dar uma fugida à rua de Santa Catarina, fazendo-nos anunciar.

Como aconteceu em tempo, o Sr. Alfredo Allen recebeu-nos com extrema amabilidade, apanágio próprio da sua grande distinção. Expostos os intuitos da nossa visita começou logo por nos dizer que a ocasião não era muito própria ainda para se falar publicamente do assunto, porquanto o mesmo estava somente no conhecimento dos corpos gerentes da Sociedade e duns tantos privilegiados...

Com a apresentação de nossas desculpas pedimos licença para discordar da opinião, pois nós e os leitores da *Invicta-Cine* já sabíamos algumas coisas, não só por informes particulares, mas também por nos terem sido reveladas pelo Sr. Leitão de Barros que amavelmente acedera a falar para a nossa revista, como se podia constatar pelo nosso último número. Além disso, acrescentamos com um pouco de vai-

dade, tínhamos em nosso poder os estatutos e os boletins de inscrição de accionistas e já nas páginas da nossa revista havíamos debatido o assunto e aberto a subscrição para as primeiras 20.000 acções da Sociedade.

— Bravó! E' apreciável o vosso entusiasmo e o vosso interesse, o que faz com que sejam distinguidos os serviços da *Invicta-Cine*, pela causa do cinema português — que todos desejam — o que merece as maiores felicitações. Ainda bem que entre os privilegiados a que há pouco me referi está também a *Invicta-Cine*. Por acaso passaram pela minha vista os boletins subscritos pelos vossos leitores, que acorreram ao vosso apêlo, e constatei, com prazer, o quanto êle foi de profícuo, mostrando bem quanto o público deseja auxiliar e colaborar numa Sociedade que, honestamente e com entusiasmo, se propõe fazer cinema português, com portugueses e para portugueses.

O tom com que estas palavras foram ditas calaram em nós sobremaneira.

A seguir, a uma advertência nossa, continuou:

— Como sabem o capital inicial da Sociedade é de mil contos. Pois êsses mil contos já estão completamente tomados, sobrando bastante dinheiro, que irá entrar no aumento do capital, como indicam os estatutos. E' animador, reparando que não está aberta a subscrição pública; tudo isto à custa da subscrição particular. Por isto se pode apreciar a maneira como muita gente está olhando com simpatia os propósitos da Sociedade. Ao entusiasmo interno, isto é, dos corpos gerentes, entusiasmo comedido, prático, cauteloso, a quem tôdas as coisas merecem um largo estudo e ponderação, corresponde um entusiasmo externo, animador, que é deveras sintomático e proveitoso aos fins em vista. E' só isto, duma maneira geral, o que lhes posso dizer!... O restante virá a seu tempo.

Não nos demos por satisfeitos. Se era já muito era também ainda pouco. Os nossos leitores preci-

(Conclue na última página).

# CARTA DA AMÉRICA

por ARTUR COELHO

## Ernst Lubitsch fala da beleza e da personalidade

coisa além da sua beleza plástica: exigimos «charm» pessoal e cultura.

A maneira de falar dos artistas, que outrora era um pormenor sem nenhuma importância, hoje faz parte integrante dêle, e, não raro, até constitui, em certos filmes, todo o encanto de uma «performance». Vejamos, para exemplo, Jeanette MacDonald, que possui todos os predicados necessários a uma estrêla do cinema moderno. Nela estão conjugados os grandes dotes do talento: a beleza física, os ademanos, a maneira de dizer perfeita e culta e a inexcelsível graça feminina que ela em tal alta dose possui.

Assim falou Ernst Lubitsch, o famoso director da Paramount, que ainda há pouco terminou o super-filme *Uma Hora Contigo*, com Maurice Chevalier e Jeanette MacDonald nos principais papéis.

Continuando na sua dissertação sôbre a beleza e a personalidade, disse Lubitsch: «Os tempos em que a beleza física podia levar uma actriz à suma popularidade e ambicionado «stardom» de há muito passaram. O último filme silencioso marcou o início de uma nova era—a dos filmes falados—e desde então outros são os padrões aferidores com que identificamos os artistas cinematográficos. A beleza física, a facilidade de expressão, o conjunto pessoal são hoje atributos indispensáveis».

«Há hoje mais actrizes no cinema do que jámais houve, pois o teatro está constantemente a transmitir aos estúdios, pela melhor paga que o cinema oferece, cada vez maior número de artistas já aperfeiçoados na arte de dizer. Mas, porque, a despeito de tudo, continue o cinema a ser pictório, permanece ainda mais activa a procura dos tipos de selecção plástica, especialmente entre as mulheres-artistas, cuja popularidade radica também nos seus dotes de formosura».

E não há dúvida de que Lubitsch tem razão. E' evidente que o cinema falado veio exigir mais dos artistas da tela. Hoje não basta a uma pequena ter bonitas formas e uma carinha mimosa; queremos saber se ela a isso alia outros atributos culturais, que outrora não lhe faziam falta nenhuma.

## A vida privada de Tallulah Bankhead

Fôsse pelo assunto dos seus três primeiros filmes — *Casamento Singular*, *Meu Pecado* e *A Ludibriada*—fitas mais ou menos de escândalo, ou fôsse porque fôsse, havia em Hollywood uma certa especção sôbre Tallulah Bankhead. Julgavam talvez os exploradores de escândalos que a dona daqueles filmes devia também, na sua vida privada, pautar-se pelo mesmo diapasão moral. Mas, enganaram-se redondamente, porque Miss Bankhead, fóra da tela, não traspassa a linha de boa conduta que sempre soube guardar.

Miss Bankhead terminou há pouco o filme *Thunder Below*, cuja acção se passa na América Central e que, por isso, tem várias seqüências em que a lingua espanhola se mesccla germanamente com a inglesa. Foi ao terminar o seu filme, quando ela se preparava para ir gosar de um mês de férias fora de Hollywood,

que Miss Bankhead se manifestou a respeito da possível «desilusão» que tenha criado na «colónia cinematográfica» daquela famosa cidade:

«Se Hollywood esperava que eu para cá viesse promover escândalos e atrair sôbre mim os olhares de toda a cidade, enganou-se completamente, porque em Hollywood eu vejo apenas o meu lugar de trabalho e onde, para minha felicidade, moram algumas pessoas da minha estima, mas estas, graças a Deus, não esperam de mim senão o que eu lhes posso oferecer: uma vida sincera e simples.

«Na minha vida artística, é certo, eu presto-me a alguns lances de publicidade, uso vestidos de moda mais ou menos fóra do costume, póso para fotografias especiais, dedicadas à propaganda jornalística, e nos filmes procuro interpretar da melhor maneira os tipos e personalidades de que me encarregam no curso do meu trabalho. Mas isso é tudo.

«Sendo um pouco individualista, eu preso-me de viver segundo a pauta que me tracei, desde que comecei a trabalhar no teatro. Pelo lado artístico serei tudo o que as peças e os filmes determinem que eu seja, e tudo isso para a satisfação do público que me distingue com a sua admiração. Quando, porém, se trata da minha vida particular, quero portar-me como melhor me pareça, e nessa esfera creio que a ninguém devo agradar senão a mim mesma.

«Se Hollywood esperava mais de mim, enganou-se, e a culpa é toda de Hollywood, que não soube separar a ficção do real».

Assim se expressou Tallulah Bankhead, e todos nós lhe damos sobejas razões. Basta que como artista lhe exijamos o que como arte ou ficção ela nos possa oferecer; deixemos-lhe, entretanto, o sagrado direito de na existência particular seguir a norma que bem deseje.

## Frances Dee e a sua meteórica ascenção artística

France Dee tem qualidades, ninguém o póde duvidar. E' bonita, muito bonita mesmo, tem plástica escultural, lindos olhos, trabalha com certa emoção, e sabe irradiar de si essa comunicabilidade que para logo a faz simpática a toda a gente.

A sua estreia, nos filmes Paramount, data do *Café do Felisberto*, ao lado de Maurice Chevalier. Já o facto de ter sido Miss Dee escolhida para figurar naquela produção prova a grande confiança que nela tinham os dirigentes do estúdio naquele tempo.

Mas outra grande vitória foi a sua escolha para o papel de «pequena rica» de *Uma Tragédia Americana*, filme de Josef von Sternberg e que teve Phillips Holmes e Sylvia Sidney nos principais papéis.

E tanta vida e atracção deu Miss Dee à sua interpretação de Sondra, na *Tragédia Americana*, que todos os jornais, ao tratarem daquele filme, fizeram os mais justos elogios ao seu trabalho.

Tendo, pois, subido ao cume da popularidade na simples seqüência de três filmes, a Miss Frances Dee coube agora um importante papel em *O Estranho Caso de Clara Deane*, grande fita dramática que Louis Gasnier e Max Marcin estão dirigindo.

E' admirável a facilidade com que Frances Dee galgou os pincaros da celebridade, mas se não tivesse talento lá não teria ido ter...

**O público exige  
mais realismo  
no cinema**

São bem conhecidas as mudanças súbitas que se observam no gosto do público. Umavez são os filmes de mistério que mais atraem; outras vezes os de assunto trágico; havendo sempre bom mercado para os filmes de amor.

Uma nova tendência começa agora a formar-se, e ao contrário do que muita gente pensa, essa nova directriz do sentimento público converge para os assuntos sérios, de grande realidade.

Assim como os « finais felizes » estiveram em voga até há bem pouco tempo, e nenhum filme captava o coração do povo se não tivesse, no último lance, um beijo ou um casamento, agora move-se a predilecção pública para os filmes que interpretam a vida ao real, tal e qual ela é.

Como prova disso estão aí as últimas produções cinematográficas, *Uma Alma Livre*, da « Metro », *Frankstein*, da « Universal », *Shopworn*, da « Columbia », *O Homem que Matei*, *Uma Certa Mulher* e *Uma Hora Contigo*, da « Paramount ».

Citamos estas três produções da Paramount porque elas são dos mais realistas directores que se conhecem: Lubitsch e Von Sternberg.

*O Homem que Matei* e *Uma Hora Contigo*, de realização de Ernst Lubitsch, primam por revelar a vida tal qual ela é. Claro está, o director revelava de acôrdo com a fantasia da sua estética, mas nem por isso o filme deixa de ser real. A outra produção, *Uma Certa Mulher*, que tem Mèrlene Districh e Clive Brook por protagonistas, é dirigida por Josef von Sternberg, cujos trabalhos desde há muito se impõem pela sua realidade. Aí estão, para o provar, *Marrocos*, *Deshonrada*, no cinema falado, e, no de outróra, fitas como *Paixão e Sangue* e *Cartas na Meza*, que, devido à pujança vital de Sternberg, deram ao cinema um relêvo de realismo como jámais se vira.

Ora, diante disso, não admira que por sôbre a moda até há pouco vigorante dos « finais felizes » e dos filmes profundamente românticos, esteja o povo, agora, a patrocinar mais a realidade no cinema do que a ficção poética.

**Notas de interesse** Cêrca de 500 russos autênticos, muitos dêles pertencentes à decaída aristocracia moscovita, fazem parte do ambiente do novo filme de George Bancroft, *Carne*, que tem Mariam Hopkins como primeira dama.

— David Burton, conhecido director cinematográfico, está organizando o « cast » do novo filme de Carole Lombard. A nova produção chamar-se-á *Sinners in the Sun* e focaliza a vida numa rica praia de banhos dos Estados Unidos.

— O uso dos « noticiários » cinematográficos não termina depois da sua exhibição nos cinemas. Muitos dêles são catalogados para referência histórica. Ainda agora, por exemplo, durante a filmagem da nova fita de Bancroft, *Carne*, que se passa na Rússia, vários antigos « noticiários » foram exhibidos no estúdio para que os directores do filme apreciassem a « côr local » de certos lances da quadra revolucionária na terra dos czares.

— Dizem de Hollywood que Sylvia Sidney mandou cortar o cabelo à « garçonne », moda a que ela vinha sempre resistindo. Que pena, Sylvia!

— Oscar Strauss vai escrever as músicas usadas na nova fita de Chevalier. Como se sabe, foi êsse famoso compositor que musicou todo o *Tenente Seductor*, uma das fitas daquele actor que mais popularidade obtiveram até agora, porque acreditamos que *Uma Hora Contigo*, que presentemente se exhibe em Nova York, irá bater todos os « récordes ».

— Ralph Forbes, que apareceu com Sylvia Sidney em *Confissões de uma Jovem*, surgirá brevemente ao lado de Tallulah Bankhead em *Thunder Below*... menos o seu presado bigodinho, que mandou rapar.

— O nome « Tallulah » vem da língua de uma tribo de índios da Georgia e quer dizer « virgem do amor ». Aí está uma explicação que vai aproveitar a muita gente que não sabia dêste bonito significado.

— Russell Gleason fez parte do elenco de *O Estranho Caso de Clara Deane*, fita que nos apresentará Wynne Gibson como protagonista.

— Jeanette MacDonald nasceu em Philadelphia. E' loira, de lindos olhos azues... e gosta imenso de trabalhar de parceria com Maurice Chevalier...



Clive Brook e Marlène Dietrich numa cêna do seu último filme, o « The Shangai Express »

Por uma maioria esmagadora de votos

# LILIAN HARVEY

é eleita

## Madrinha da "Invicta Cine.,

A eleição da Madrinha da *Invicta* foi coroada dum êxito dos mais brilhantes e que nos enche de justo contentamento!

Ao nosso apêlo, amigos e leitores da nossa revista, num entusiasmo que, confessamos, estávamos muito longe de esperar, acorreram de todos os lados dando-nos o seu aplauso e o seu voto.

Não só do Pôrto, onde maior expansão a *Invicta* tem, mas de todos os cantos do país onde *Invicta* não é menos querida — e disso nos orgulhamos — choveram cartas, cartas e mais cartas, umas atrás das outras, numa torrente contínua, interminável, imponente.

Conforme vinham chegando, fomos amontoando essas cartas, repartindo-as, classificando-as, a cada candidata dando o seu lugar. E se a princípio a «luta eleitoral» parecia estar indecisa, na segunda semana começou tomando aspectos definitivos, a pontos de não nos deixar grandes dúvidas sôbre o resultado final. Lilian Harvey, por quem muitos de nós haviam votado, colhia o maior sufrágio!

Voto sôbre voto Lilian Harvey, que marchou por algum tempo quási a par de Anny Ondra e pouco à frente de duas ou três outras artistas, tor-

nava ràpidamente a dianteira, caminhando vitoriosamente para a conquista ao título de Madrinha da *Invicta*. E na quarta-feira, quando fizemos a apreciação final da eleição, Lilian tinha a seu favor uma montanha de cartas, sem confronto!

Nos últimos dias já não houve concorrência. Cada carta que chegava trazia, acompanhado dum elogio ou duma frase de admiração e simpatia, um voto por Lilian Harvey.

E Lilian Harvey venceu!

Era justo.

A' nossa Madrinha, à qual o público cinéfilo português acaba de prestar uma grandiosa prova de carinho, dedicaremos quási todo o número da próxima semana. A êsse número, que será a primeira homenagem que lhe rendemos, homenagem à qual todos nós nos vamos associar, chamaremos o «número Lilian Harvey».

Será um número de festa, de alegria, um número sorridente, extraordinário, em que, com tôdas as honras que lhe são devidas, a nossa Madrinha tomará definitiva posse do título que nós, nossos amigos, e nossos leitores, quási unânimemente lhe concedemos!

### Por quem votaram algumas pessoas conhecidas no meio cinematográfico portuense e por quem votamos nós

Alberto Armando Pereira (director da revista «Cinema»)	Kathe de Nagy
Alves Costa	Lilian Harvey
Alves da Cunha	Lilian Harvey
César Ramos (gerente do Salão «Olímpia»)	Lilian Harvey
Dias Pereira (gerente do cine «Aguia d'Ouro»)	Norma Shearer
Douglas Faz... Bankos	Odette Florelle
Emílio Loubet	Dina Tereza
Fernando Barros	Lilian Harvey
Fernando Lacerda	Lilian Harvey
Joaquim Teixeira	Billie Dove
Manoel Tavares (representante da Casa Castelo Lopes)	Marie Glory
Novais Castro (correspondente do «Pour Vous»)	Lilian Harvey
Roberto Lino	Anny Ondra
Saur Ben-Hafid	Beatriz Costa
Soutinho de Oliveira	Lilian Harvey
Tomaz d'Alencar	Marie Glory

# CARTA de PARIS

**Les Croix de Bois** Filme excelente, terrivelmente realista; desempenho magnífico, verdadeiro, emocionante; fotografia e som de primeira ordem. Isto, sob o ponto de vista *cinema*.

Sob o ponto de vista humano, é isso mesmo; a guerra «à francesa», com a mistura de coragem e de medo, de heroísmo e de revolta, de zombaria e reflexão que caracterizava o «poilu» francês. É simples, é justo, É certo que há algumas frases que são literatura, mas enfim...

Sob o ponto de vista pacifista, devo afirmar que o filme não é nacionalista, não toma partido. Aqueles que odeiam a guerra com o seu cortejo de pilhagem, morte, sangue, porcaria, lama, não fará mudar de opinião. Mas para essa falange insuportável de gente que «não quer a guerra» mas está pronta a exaltá-la, para essa gente que fará com que os homens nunca deixem de se baterem, certas cenas são prejudiciais. Em determinada altura, ao som de marchas militares, diante de mulheres que gesticulam, e de algum povo, num decor clássico de aldeia francesa, os pobres soldados, cambaleantes, sujos desfilam pesadamente cheios de fadiga, mas ei-los que se endireitam e marcham com aprumo quando surge a bandeira tricolor flutuando ao vento e no céu passam as sombras dos mortos. Esta cena é perigosa e condena o filme que é, aliás, inútil.

E nós não queremos voltar a vê*r isso*, nem sôbre o écran nem a valer.

**Monsieur, Madame et Bibi** Uma comédia musicada, como tantas outras, divertida, animada, bem feita e com alguns achados de verdadeiro cinema. Passa-se uma bela noite vendo este filme, de mais a mais que a distribuição reúne o simpático Lefebvre, tão cheio de graça, Florelle, cuja voz e cujo desempenho são um encanto, Marie Glory, uma rapariga adorável, e o excelente comediante Jean Dax.

O ponto de partida do filme é um cão provando uma tremenda disputa num lar, envolvendo um sem número de pessoas, desde um grande senhor até uma criada. A história passa-se em Viena. Nesta produção há falta de exteriores, e nós já estamos com saudades dos campos, das paisagens, do ar livre, do sol.

**Filmes italianos** Exibiram-se em Paris dois filmes italianos. Um deles não é mau. Muitas paisagens, movimento, lindos quadros fazendo recordar os filmes russos (o cinema italiano emprega para fins contrários os mesmos métodos da U. R. S. S.), e uma interpretação agradável. O outro filme é nitidamente mau. Uma história trágica que faz rir o público pelo ridículo que encerra. Tanto um como outro são falantes pelo processo «dubbing».

**Pequenas notas** Apresentaram em Paris o filme de Fritz Lang *M*, no cinema Ursulines, na versão francesa e alemã.

Realizam-se agora muitos filmes de marionnettes. Vi um deles, dirigido por Carmen Boni; *Marionnettes de Mastro 5* e outro de Max de Rieux, deveras interessante.

Os filmes de crianças estão também em moda. Está tudo muito bem mas era preferível que nos

dêsem bons filmes para os grandes. Sôretudo porque os pequenos actores franceses são máus «calots» assás pretenciosos. Exibe-se agora *Melodie du Petit Monde* no Gaumont, ... mas o que é curioso é que este filme para miúdos passa acompanhado de *Le Rosier de Madame Husson*, uma película licenciosa...

A interdição de *Viva a Liberdade* em Portugal causou espanto em França, porque esse filme nada têm de subversivo... e em Portugal, nós sabemos que passaram livremente certos filmes soviéticos proibidos em França.

*Barranco*, de Berthonieu, é um filme cómico e satírico muito engraçado que está fazendo um enorme sucesso.

Anuncia-se para breve a apresentação de *Au nom de la loi*, um filme sôbre a polícia, com Chantial, Charles Vanel e Gabrio.

Paris, Abril de 1932.

M A U R I C E H I L E R O .



ARMAND BERNARD

Eis um artista francês que ganhou relêvo com o cinema falado. É um dos melhores cómicos que temos apreciado depois do advento do sonoro. Será necessário apontar mais do que «O Cruzeiro do Amor», «O Sr. Director», «O Congresso que dança», «Traição?» Esperem novamente vê-lo no «Rapaz ou Rapariga», com a Carmen Boni onde certamente deve continuar com a sua irresistível graça de senhor sério e preocupado; — e o assunto presta-se à vontade para isso. Apesar do seu sucesso, Bernard têm uma ambição, como aliás quasi todos os artistas: gostaria de incarnar «Dom Quichote». E diz: «Bem melhor do que com o paletot de alpaca, eu me apresentaria com a couraça de ferro». Naturalmente o Milton gostaria de ser Sancho Pança!!...

# As Luzes de Buenos Aires

Luzes de Buenos Aires, luzes duma cidade longínqua, situada quasi no extremo da América do Sul...

Cidade que o sol do Sul amolenta, que lança num enlanguescimento de alma os seus habitantes, como se os seus primeiros colonos houvessem levado consigo meigas e doces sevilhanas, que propagassem com os seus olhares quentes, acariciadores e ardentes, o ritmo das malagueñas, transformadas evolutivamente no ritmo cadenciado do tango, tivessem dado, à vida da futura Buenos Aires, um certo modo de ser característico, que faz desta cidade uma das mais interessantes do universo.

Luzes que iluminam, que esclarecem lá longe, um resto duma civilização ibérica, levada numa ânsia de conquista, num sonho doirado de glória; sonhos de aventuras, que se desfizeram como quiméras, num esvoaçar lento, tam lento que no tango, a mais característica encarnação da alma argentina, ficou aquela dolência de alma que o torna, não só um movimento cadenciado, mas também uma demonstração de romantismo, uma espécie de dança de ninfas, transformada pelo rodar dos anos.

Por isso, nestas «Luzes de Buenos Aires» que o cinema agora nos patenteia, o tango é o coração do filme, como que a quiméira esvoaçando, fugindo para muito longe, numa finalidade de esquecimento. Sonhos lindos que morrem, luzes que se apagam, farolins que se extinguem.

Saúdades — quem sabe? — dos colonizadores, dos esforçados espanhóis, que a sanha de glória e de riqueza levava através do mal conhecido Atlântico, daquela remota pátria de laranjeiras, que ficava em Espanha, então taciturna e triste.

Sonhos atrozes, com aqueles olhos húmidos, brilhantes, febris, que ficaram fitando o mar, o mar da saúde e da côr, quando de S. Lucas largaram as galeotas, que preches de sonhos de futuros risonhos, de lares onde o oiro abundasse, se embrenhavam na escuridão do desconhecido, guiadas apenas pelo que extravazava da ciência dos Colombo e dos Pizarros, galeotas e náus que muitas vezes não voltavam, mas onde, por entre o desgosto da largada se ouvia o cantar saúdoso, pela pátria longínqua.

Tempos de quiméira, de ilusão e de sonhos, redemoinhar doído da vida, numa luta pela riqueza, num sonho de nada fazer, quando rico se fôsse... Tempos em que, depois, lutando contra os naturais e os elementos, se ia descansar novamente sôbre uma terra virgem, fértil, que se podia amar, mas pela qual não se podiam, êsses nautas de então, apaixonar, porque tinham a alma em outras terras, porque, às vezes, sob os céus amenos da futura Argentina se deixavam tomar de saúdades e a sua bôca então cantava, o que o coração sentia, numa toada de saúde e sofrimento.

Toada de tempos de ilusão, transformada hoje numa dança típica, que ficou marcando uma época, que ficou afirmando, que todo o mundo é mundo, que se pode amar em qualquer parte, mas que há países onde cái o materialismo hipócrita, para dar lugar a ideologias mais vastas e grandiosas.

Buenos Aires, colonizada por espanhóis, ficou de posse das atávicas qualidades dos seus colonizadores. O mundo escuta sempre, comovido pelas embaixadas dos seus gaúchos teatrais, de fatos lentejoulados, de guarda-roupa barato, as queixas que vêm num tango, que nos mandam de lá de longe, do outro lado do equador, dêsse país que parece lançado no esquêcimento pela velha Europa, sua mãe.

Talvez que essa Argentina, como bôa filha, tenha saúdades do céu azul do país dos mantons e dos ciganos, nomadas descendentes doutros nomadas, também sonhadores, também quiméricos; talvez queira confessar ao Atlântico, os seus males e as suas penas para que êste venha trazê-las, traduzi-las em azul cobalto nas costas da Península, com as suas vagas espumantes e prateadas, de fôrmas coleantes como corpos de mulheres em tentação perene, ralhando suavemente, ora nas areias do jardim lusitano, ora nas da embocadura do Guadalquivir, por onde subirão, para ir até essas terras de cujas montanhas as vertentes são verde oiro, casando-se admiravelmente numa suave harmonia de tons.

Tango da Argentina, saúdades de outrora, alegrias de hoje, música que é saúde, dança que é sofrimento, num ritmo de adeus à vida, num esquêcimento de amôr na volúpia dum momento...

Nêste filme que breve vamos vêr, fogacho de curta duração mas reflexo intenso da alma dum povo, há uma história dramática de amôr. E, caso curioso, ontem como hoje, o tango, sentimental, um nadinha boémio e fanfarrão, como aspecto dos primeiros colonos, é empregado como outrôra, para traduzir saúde, dôr de apartamento, estalar de corações em penas de amôr.

Por isto, por êste resto de sentimentalismo, casando-se tam bem com a alma ibérica, êste filme, com seus gaúchos, com os seus tangos dolentes, com as suas personagens recordando evocadoramente figuras sevilhanas, na sua dolência, na voluptuosidade do seu amar, causou o maior dos sucessos em terras de além fronteiras.

Em Portugal, onde a palavra saúde só tem aquela sinonímia a que lhe deu Garret, o «gosto amargo de infelizes, o delicioso pungir de acérbo espinho» onde o amôr é arrebatado, onde as mulheres são escravas pelo coração, êste filme, vindo evocar saúdades, vindo fazer palpitar coraçõezinhos virginais enamorados, idealizar quiméras, fazendo sofrer com as personagens, arrastando na cadência da sua harmonia suave, tem um lugar marcado, a garantia dum êxito, sômente porque sendo do outro hemisfério, sabe falar de amôr em terras hispânicas.

Possam todos compreender a suave ritmia dum tango, escutá-lo sem que aflore nos lábios aquele scepticismo mole, pretenciosamente chic, mas imensamente fraldiqueiro de alguns incivilizados «séculovintescos». Possam os bigodinhos estilizados, compreender que no ritmo do tango há qualquer coisa de muito velho, que vem de muito longe de tempos muito remotos; que «Luzes de Buenos Aires» traz-nos o lado típico e pictórico dum país misturado, com uma história de amôr, que poderá ser banal, mas tem vida, tem «élan» e tem quasi verdade.

Sem querer fazer a apologia do tango, notamos nêle o pitoresco que a falta de meio lhe rouba nos palcos dos teatros; é pois o cinema que no-lo vai dar dentro do seu ambiente próprio, característico, como música de saúde, como dança de sofrimento...



Adalqui Millar

O realizador de «As Luzes de Buenos Aires»

# Cães de Hollywood

A língua inglesa possui entre outros provérbios inteligentes, um de profunda sabedoria, que se refere ao cão, o qual diz assim: *Each dog has its day*. É um brocardo muito justo, porque, como já lá diz outro dito do povo, não há mal que sempre dure, nem bem que não se acabe. . .

Se é certo que «cada cão tem o seu dia», como afirma aquele provérbio inglês, os cães que vivem em Hollywood e que por sorte pertencem aos astros do cinema, são os cães mais felizes do mundo. São cães que não têm apenas um dia de felicidade, como promete o ditado, mas toda uma existência de indefiníveis deleites caninos.

Considere-se a felicidade em que vive imerso um Rin-tin-tin, coberto de luxo e célebre pelo mundo inteiro! Por desgraça, porém, o Rin-tin-tin não conhece geografia, e para ele o mundo é aquela extensão de terra que a vista abarca e até onde chega o seu ladrado.

Mas o Rin-tin-tin é um «artista». . . Falemos dos cães que são meros cães, embora fervorosos «fans» dos artistas.

Maurice Chevalier tem um precioso cão de estima. É um bonito exemplar de cão-pastor, de procedência alemã. Chevalier recebeu-o de presente de Adolphe Menjou e, em honra ao amigo, Maurice trocou-lhe o nome: o cão chama-se agora «Adolphe». Dessa simpática homenagem de Chevalier ao seu amigo resultou, porém, um inconveniente — quando o actor chama «Adolphe», em estando ambos ao alcance da voz, voltam-se Menjou e o cão-pastor. . .

Outro canino de fama, em Hollywood, é o «sealyham» de Ruth Chatterton.

Chama-se «Jock» e tem profunda admiração pela sua dona. Não duvidamos que haja muita gente por aí fora que inveje a intimidade de «Jock» com Ruth, desejando muitos receber dela as carícias que dedica ao estimado animal.

Phillips Holmes possui um belo mastim. Nas suas caminhadas a pé, que é um dos desportos que Holmes mais aprecia, o cão acompanha-o sempre.

Miriam Hopkins, Paul Lukas e Regis Toomey são todos possuidores de cães de estimação. Estes preferem os famosos terriers, lépidos e esbeltos.

Richard Arlen bate a todos no seu devotamento pelos animais. Richard não possui um só cão, mas seis. Dois deles são Boston-Bull, dois «spaniels» e dois terriers.

Carole Lombard, Vivienne Osborne e Peggy Shannon, são donas de bonitos caninos de estima.

Estes são os «aristocratas» caninos de Hollywood, o que não quer dizer que lá não existam os míseros cães sem dono, pobres «extras» que dormem pelos cantos, sem comida, a sofrer verdadeira vida de cachorro.

## Argumento de

## As Luzes de Buenos Aires

Luzes de Buenos Aires! . . . Mas antes, muito longe da cidade, neste velho rancho de gaúchos, perdido talvez nos contrafortes da cordilheira andina, ouçamos, entre acordes de guitarras, a voz ardente, nostálgica e crioula duma das mais belas flôres da raça argentina.

Chama-se Elvira e tem uma irmã, Rosita, que desejaria vê-la triunfar, num grande teatro, como cancionista, reservando para si o lugar de bailarina.



«Pete», a famosa mascote das comédias da «Our Gang»

Anselmo, o dono do rancho, está loucamente apaixonado por Elvira. Gosta de a ouvir cantar, mas Rosita, sempre de mau humor, diz à irmã que reserve a voz para melhor auditório.

Nisto chega ao rancho o director dum teatro de Buenos Aires, acompanhado da amante, não propositadamente, mas porque o automóvel, onde viajavam sofrera uma grossa avaria na estrada. Anselmo recebe o empresário com lhanza e pede a Elvira que cante para distraír os recém-chegados. Carasco, assim se chama o empregário, ao ouvi-la fica maravilhado. Dias depois as duas irmãs partem para a cidade. A despedida é pitoresca. Vem todos os vizinhos do rancho, gaúchos, tocadores de guitarra — e cantam, dançam, num adeus cheio de saúde. Anselmo dá a Elvira uma linda rosa branca, jurando-lhe que nunca a esquecerá. Mas o combóio parte, e a flôr, desfolha-se pétala a pétala, simbolicamente.

No teatro, Rosita «prova mal». Os seus ensaios são difíceis, nunca acertado com os ritmos dos bailados. Todos se riem dela, tecendo, no entanto, os mais rasgados elogios à irmã. É então que aparece Paulo, um dos galãs da companhia por quem todas as *girls* andam apaixonadas. Bem depressa entre ele e Rosita se estabelece uma viva simpatia, embora sem intimidade. Chega a noite da estreia. Rosita embora seja considerada pelos colegas uma verdadeira «negação», triunfa, inesperadamente, como bailarina excêntrica e Elvira obtem também um grandioso triunfo, sendo aplaudida veementemente pelo público.

Nessa mesma noite as duas irmãs são convidadas para uma festa, por Villamil, um milionário, que frequenta a caixa do teatro. Lá longe, no seu rancho, Anselmo tem, por acaso, conhecimento do êxito obtido por Elvira. E fica como doido, receitando pelo seu amor, vendo-a já nos braços de outro. Monta a cavalo e parte para Buenos Aires. Na mesma noite em que chega vai ao teatro e, com grande escândalo, no meio da representação, grita pela artista, ante o espanto do público.

(Conclue na última página)

## Marléne Dietrich arma conflito com a Paramount

A célebre «estrela» cinematográfica Marlène Dietrich foi suspensa pela empresa Paramount, por se ter recusado a trabalhar no filme «A Vénus Loira», para o qual tinha sido contratada.

Marléne recusou filmar, ao saber que o seu director, Joseph von Sternberg, tinha sido substituído. Por seu turno, von Sternberg, tinha-se recusado a trabalhar ao verificar que o guia original da película escrito por êle tinha sido revisto e modificado pelo pessoal do estúdio sem sua indicação.

Esta notícia é transcrita, com a devida vénia, do «Diário de Notícias», de 28 do corrente mês.

A MORTE DA ARTISTA-DANSARINA

## MICHKA HAIMOVICI

Com a idade de vinte e oito anos, morreu uma artista de cinema que poderia, graças ao seu talento, tornar-se no futuro uma vedeta acarinhada pelo público de Paris e Berlim:

Michka Haimovici. O seu grande amor pela dança—o que a fez notada por alguns realizadores cinematográficos—levou-a a fazer uma estreia muito auspiciosa e feliz na arte das imagens em movimento. Mas foi como dançarina que conheceu a popularidade... glória efémera!... Admiradores, amigos, que antes a rodeavam com ternuras, abandonaram-na logo que a morte impiedosa a levou no viço da idade. E à sua última morada não teve a acompanhá-la senão algumas dezenas de pessoas e sua família que muito a queria.

Michka Haimovici era irmã do nosso ex-correspondente na Alemanha Simon Haimovici, ao qual «Invicta-Cine» apresenta sentidas condolências.



BETTY AMMAN

Conhecida artista alemã que vimos nos filmes «Asfalto» e «O Diabo Branco», que há dias faleceu em Londres, atacada de febres contraídas na África, conforme noticiámos no último número. O cliché acima mostra-nos a chorada artista numa cena de «O Diabo Branco», essa bela produção que passou nos ecrãs do Trindade e Olimpia.

## Duas páginas sobre Charlot, recordadas dum livro de G. Altman

(A propósito da próxima exibição de «Luzes da Cidade»)

Charlot não fala, não canta. Guarda o seu silêncio de ouro, e do som e da palavra êle não quis fazer mais do que essa cena rude e admirável que abre o filme<sup>(1)</sup>: oficiais yankees, homens e mulheres inauguram uma estátua da Liberdade; falam e das suas bôcas só se ouvem sair latidos ou regongos inarticulados; de repente sôa o hino nacional, o pano cai e Charlie aparece deitado num vão do enorme monumento, as calças espetadas no gládio de pedra da estátua. Paródia e sátira ao falante, diz-se. Sem dúvida! Mas, ao mesmo tempo e bem mais do que isso, sátira social que vergasta. Muito antes dos filmes terem começado a falar para nada dizerem, os oficiais mentirosos, por tôda a parte e sempre, haviam já começado... Chaplin, genialmente, deita a mão à estupidez palradora do *falante* na sua fase actual<sup>(2)</sup>, põe-na às suas ordens e une-a naturalmente à estupidez intrujôna, eterna, duma cerimónia oficial. Um servindo e completando o outro.

Chaplin só, magnificamente só no cinema, como êle o é bem duramente, nesse papel de vagabundo que êle mantém para sempre.

E agora, porque não se revolta, o Charlot dos filmes, contra tantas afrontas e tantas injustiças, contra êsse permanente insulto aos Pobres que é a vida?

Não vos apresseis, pois, a colocá-lo na cruz e a agradecer-lhe tôda essa angústia resignada ou disfarçada em riso. Ele é demasiado fraco, êle, para resistir doutra maneira que não seja o sorriso atormentado ou o hardil brusco. Não é a êle que compete fazer a moral, envergonhar ou amedrontar os ricos com a sua miséria. Ele é o símbolo duma vida mal feita, nada tem a julgar ou a concluir: pela sua existência êle *testemunha*, e todo o seu ser frágil, seu corpo em quem os outros batem, seus olhos sempre confiantes e sempre desapontados, mais embaciados que sorridentes, gritam: «Eis a condição humana. E' justo? Porquê? Que fareis então?»

Se êle *testemunha*, também interroga. Apesar do que crêem alguns dos seus bons apóstolos que o aceitam como um digestivo, êle não *faz levar* a vida assim tão facilmente.

Um filme de Charlot não calma nem tranquiliza.

Esperança e confiança duma arte que a luz de alguns grandes filmes ilumina, e—contra o optimismo-standart dum cinema vendido—a censura dêsse rosto branco, sempre atormentado...

(<sup>1</sup>) *Luzes da Cidade*.

(<sup>2</sup>) Isto foi escrito em 1931 (nota do tradutor).

# A «deusa branca» de Trader Horn

---

Quando há meses regressou a Hollywood a *troupe* cinematográfica que nos sertões africanos filmou essa bela película de W. S. Van Dyke, *Trader Horn*, em diversos jornais americanos foram feitos comentários que vexavam a protagonista dessa produção, a encantadora Edwina Booth.

Se uns jornalistas atacavam a linda artista, outros, entretanto, defendiam-na calorosamente.

Eis o que escreveu um desses jornalistas:

«A mulher tem na vida três batalhas a vencer. A batalha da castidade, a da fidelidade e a da integridade. A maior delas a vencer é, sem dúvida, esta última».

Se saí vitoriosa, é perfeita.

Tenho visto mulheres voltarem da Africa com a alma em farrapos. Já as tenho visto, também, voltar ao Continente branco com a alma mais manchada e negra do que os próprios sertões de onde saíram. Se voltam assim, é porque perderam a luta.

Edwina, ao contrário, veio inteira de corpo e alma.

A sua história, bem contada, dava assunto para um bom romance.

Edwina, era uma pequena comum, sem nada de superior a qualquer outra, a não ser a sua curiosa e invulgar beleza. Um dia, convidaram-na a fazer parte do elenco de *Trader Horn*. A oportunidade era das primeiras, mas o fim da viagem era a Africa... Arriscaria a sua saúde admirável, a sua beleza esplêndida, ao encontro dos vários males dos trópicos?

Quando ela assinou o seu contrato, começou, pode dizer-se, a conhecer verdadeiramente a vida.

Van Dyke, partiu imediatamente com toda a companhia para a colónia Kenya.

Edwina, com os seus companheiros, começou a percorrer as ruas de Monbassa, em busca de curiosidades de basar. Depois chegou o período de atravessar desertos, de vêr leões, girafas e zebras, bichos e mais bichos, de todas as espécies e tamanhos.

Em todos os lugares, entretanto, encontrava-se com homens. Homens brancos, exactamente parecidos com os da colónia Kenya. Homens brancos mais selvagens que aqueles que nasceram no sertão.

Ansiosa e faminta de aventuras, Edwina atirou-se à cata das mesmas.

Para os homens que habitavam aquele deserto, a beleza de Miss Booth era qualquer coisa muito branca e muito loura que os transformava por completo.

Um deles, o governador de um pedaço de terra maior que toda a Inglaterra, ofereceu-lhe um lauto jantar, tentou embriagá-la e disse-lhe que a queria fazer a mulher dominante de todo o seu harem... Ela riu-se dêle, não lhe dando a mínima atenção...

Tudo, para ela, até àquele momento, era divertido e interessante. Aquela proposta vil, no entanto, fê-la mais mulher.

Compreendeu a sua situação e manteve-se mais na defensiva do que nunca.

Edwina fôra para a Africa para trabalhar.

Trabalhou, todos os sabem, sob condições que esgotaram fibra por fibra todas as suas mais fortes energias.

O sol que jorra sobre aquela parte da Africa, é de tal espécie que, sem chapéu, qualquer homem enlouquece, em menos de três minutos, com o seu calor penetrante.

Certas cenas de *Trader Horn*, forçam esta pequena a trabalhar durante horas contínuas, sem descanso e sem sequer se refrescar um pouco. A's

vezes chegou a desmaiar, para voltar de novo a si e continuar o trabalho.

Naquele ambiente pululava toda a espécie de animais perigosos, no entanto, o peor de todos que a cercava era o homem.

Em seu tórno, todos êsses *animais*, sequiosos de saúdades da terra distante e fascinados pelas poucas roupas que ela vestia quando representava, se tornavam perigosos.

Ela, porém, soube resistir a todas as tentações.

E é por isso que ficaram a chamar-lhe a «deusa branca» de *Trader Horn*.

---

## Uma extraordinária criação de Conrad Veidt

---

Lemos no *Mon Ciné*:

«Conrad Veidt acaba de realizar uma criação extraordinariamente honrosa. Interpreta num novo filme alemão a misteriosa silhueta de Raspoutine o frade que representou um papel tão formidável na revolução russa. Conrad Veidt evita os papeis de composição, mas quando lhe propuzeram ser Raspoutine, pediu que o deixassem reflectir e começou por ler a maior parte dos livros publicados sobre a vida do aventureiro que foi tão nefasto à família imperial russa.

Feito isto, Veidt pôs-se em relação com vários refugiados russos que conheceram Raspoutine pedindo-lhes alguns conselhos. Só então aceitou o papel que lhe ofereciam.

O esforço empregado por êle neste filme, é assombroso. Quando o vemos no «écran» julgamos vêr reviver realmente aquele que foi abatido como um cão danado na aurora da Revolução da Rússia. Há nisso algo de prodigioso e alucinante.

Conrad Veidt demonstrou, uma vez, mais que é um grande artista, de ilimitados recursos».

Esperemos, pois, essa maravilha de que *Mon Ciné* fala nestes termos... se ela cá chegar a exhibir-se.

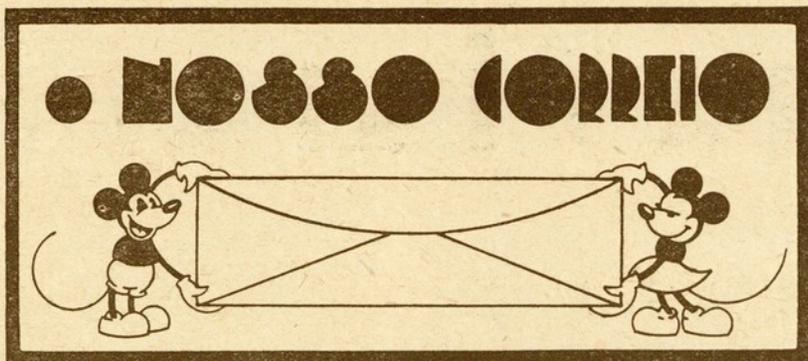
---

Encontra-se gravemente enfêrmo o realizador americano Allan Dwan.

Kay Johnson, vai interpretar o primeiro papel de *Faith*, filme que a «Columbia» editará.

Pabst, o famoso realizador de *A Tragédia da Mina*, que recentemente terminou *Atlantida*, em princípios de Junho começará com a filmagem de *Bulles de Savon*.

A todos os leitores que nos mandaram o seu voto para a eleição da Madrinha da «Invicta», na impossibilidade de responder a cada um de per si, porque para isso três páginas desta revista não chegariam, envio um grande abraço de agradecimento, manifestando ao mesmo tempo o meu contentamento por vê-la de maneira entusiástica como acolheram a nossa ideia. Aos que votaram por Lilian Harvey, os meus parabens e as minhas felicitações. E fiquem certos de que a Madrinha que escolherem emprestará à «Invicta» toda a sua alegria e mocidade transbordante.



José de Meideiro Ramos—«Um Académico» pede-me que lhe comuniquem que já vendeu as colecções das Invictas.

O Homem do Chapéu Branco—Obrigado pelas suas três cartas às quais respondo duma assentada. O seu equívoco foi justificado... mas nós quando escrevemos aquele artigo e falamos em artistas de primeiro plano só

nos queríamos referir aos «colossos». Parabens por ter aderido à S. F. S. P. Já lhe mandamos um memorandum para você preencher. Se quiser mais é só pedir.

Meteorizentudo—Em tudo, tudo?... As razões porque os filmes que aponta não fôram ainda exibidos em Portugal só os senhores distribuidores as sabem, porque são eles que escolhem os filmes que passam nas nossas telas. Não sei aonde pára presentemente a artista Lia Carol. Sempre às suas ordens.

Olho-Vivo—Olá! Você, pelo pseudónimo, deve ser um apaixonado por filmes de aventuras... Também gosto de Milton. Escreva-lhe para 14 bis, Villa Madrid, Neuilly-Sur-Seine, França.

Sim senhor, pôde escrever-me quantas vezes quiser, terei mesmo muito prazer em receber mais vezes notícias suas. Obrigado pelo seu voto.

Um apaixonado por Loiras I—Também você? Vê-se logo que é um gentleman...

Sim senhor. O cinema nacional vai levar agora um empurrão de primeira ordem. Lá está a S. F. S. P. cheia de grandes planos... e à espera que vocês todos adquiram uma acção, pelo menos. Obrigadíssimo pelos novos assinantes que nos promete. O Director manda-lhe um abraço. Sim senhor, Ricardo Cortez ainda trabalha... por mal dos meus pecados, que não suporto os seus (dêle) olhos de cavalo com dôres de rins... Os números 3 e 4 da Invicta estão completamente esgotados. Então você votou na Dina Tereza? Olhe que tem muitos a acompanhá-lo, mas a maioria, ainda que isso lhe dê um desgosto, escolheu a Lilian Harvey... e eu também. Apareça por cá mais vezes.

Bimbo... pescador de fêmeas—Ora, ora, ora, meu caro pescador, mesmo com máscara e tudo eu matei-o logo... pela voz.. Conheço muito bem esse «trio fantástico», constituído, aliás, por três pessoas que me são altamente simpáticas. Mas se você foi últimamente ao Palácio e ao Tivoli deve ter notado que o trio se transformou num duo, formado pelos «meninos dos bigodes». Deve ter faltado a outra pessoa... com grande pena dos primeiros. Foi cu não foi assim?

Eu sou o Sol—Não acredito. Leila Hyams é uma linda mulher. Escreva-lhe para os Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Califórnia, U. S. A. Junte ao seu pedido de fotografia vinte e cinco cents. Assim é mais certo receber resposta. Não maçou nada. Sempre às ordens.

Rei da Pândega—Não tem nada que agradecer, disponha sempre dos meus préstimos. Descanse que não lhe chamo nem importuno nem atrevido. Dorothy Christy: Metro-Goldwyn-Mayer-Studios, Culver City, Califórnia, U. S. A. Previno-o todavia que não é muito certo que a sua carta chegue às mãos de Miss Christy porque me parece que ela está actualmente «free-lancing». Todavia tente. Não sei que idade tem nem se a voltaremos a vêr em qualquer outro filme, durante esta época. Eu não reparei, mas não é você o primeiro que me fala nessa engraçadíssima cena de Pamplinas de Pijama, apontando-me o facto de o próprio Pamplinas... se estar a rir...

De acôrdo com a sua opinião sobre Fatalidade. Obrigado pelo seu voto. Você votou por quem devia, sim senhor.

Um Académico—Bravo! Esse entusiasmo pela eleição da nossa Madrinha foi recebido por todos nós com a maior simpatia. Sim senhor, você teve uma ideia engraçada. Cá fico à espera das tais «formidáveis novidades». Encontrar-nos é difícil, porque nunca paramos em parte alguma... e eu menos do que os outros. Mas estamos nos cinemas nas noites de primeira. Também, lá é que é o nosso lugar. Se você sempre se resolver a comprar uma acção da S. F. S. P., recorde-nos o seu nome e morada e pronto. Acho que todos devem contribuir com a sua parcela de esforço para ajudar a criação do fonocinema português. Até breve!

Frita Laranjas—Gostei de ler a sua carta e não desgostaria de ler mais cartas suas. No que você se engana é em chamar-nos, a todos, pessimistas. Eu por exemplo sou cem por cento optimista. Até acredito no futuro brilhante do cinema português, veja lá!... Obrigado pelo seu voto e dê cá uma mãozada, você é do meu parecer.

Este senhor troca diversas revistas e fotografias pelos n.ºs 1, 2, 4, 6, 7, 8, 9, e 10, do «Cinéfilo».

Francisco José Rodrigues Júnior—Obrigado pelo seu postal. Escreva em qualquer lingua a Jeanette MacDonald para os Paramount Publix Studios, Hollywood, Califórnia, U. S. A. E' conveniente mandar algum dinheiro.

A M O K

# BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.<sup>mas</sup> Empresas dos Cinemas:

AGUIA DOURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 7 de Maio de 1932.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 5 de Maio ou 7 de Maio de 1932.

ODEON

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 7 de Maio de 1932.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

# FITAS FALADAS

## Um Português em Hollywood

Alma Rubens, a artista há pouco falecida, foi a primeira paixão do nosso amigo Cavaco.

Já quando se encontrava doente, apareceu-lhe um pantomineiro hollywoodense oferecendo-lhe um vantajoso contrato para Alma Rubens se estrear no falado.

A notícia voou rápida por Hollywood, tendo, por consequência, atraído vários outros produtores a procurarem a artista, oferecendo-lhe também contratos, cada qual mais vantajoso, para a sua estreia na nova técnica cinematográfica. Entre os vários produtores que apareceram, só dois ficaram com esperanças de a contratar, porque os outros foram logo corridos a toque de pandeireta. Os dois preferidos eram: o pantomineiro, autor dessa barafunda, e *sir* Wallace, para quem Alma pediu a atenção do Cavaco, seu secretário, recomendando-lhe que havia sido *sir* Wallace quem a lançou no cinema, que fôra o seu criador, o criador da sua fama.

Para o Cavaco não restavam dúvidas que a proposta do primeiro era muito mais vantajosa, para a artista e para si, porque, no caso de ela morrer, o produtor, conforme estipulava no contrato, pagar-lhe-ia o equivalente a um ano de produção de filmes interpretados pela artista. Era evidente que, assim, teria o seu futuro assegurado, e sustentado por boas notas de *dollar*. Mas o outro? *Sir* Wallace, para quem Alma Rubens pedira a atenção do Cavaco, ainda que o seu contrato não fôsse tão vantajoso, devia ser atendido, o contrário seria uma falta de consideração do amigo Cavaco para com Alma Rubens, que tão bem lhe havia feito, e que tanto amor lhe tributava.

Passados dias, António Cavaco, em cujo rosto se adivinhavam noites de insónia, mandou chamar ao seu escritório o primeiro produtor, comunicando-lhe a sua resolução:

— O seu contrato é mais vantajoso, não restam dúvidas, mas, compreende, *sir* Wallace foi o criador de Alma Rubens, foi ele quem a lançou no cinema, quem lhe deu a fama que tanto a popularizou, foi o seu criador. Pôsto isto, compreende-se que, por um dever de consideração...

— Não me entrega a artista?

— Não posso. Devo entregar a Alma ao criador.

Os jornais ingleses, últimamente chegados a Portugal, trazem, nas suas primeiras páginas, o retrato de Greta Garbo a ilustrar uns artigos relambóricos acerca do último disparo de Garbo contra a Metro Goldwin Mayer:

— Ou me dão 2.500 libras ou vou-me embora para a Suécia.

Os velhotes da Metro, ante tal bestialidade, reuniram em conselho, apreciaram o actual valor de Greta Garbo, constatando que o mesmo era nulo, chegando mesmo a discutir que, nos últimos filmes, Greta mostrava-se bastante relaxada, não cuidando dos seus papeis com a devida estima e consideração, e resolveram não se preocuparem com a ausência de Greta Garbo, como os nossos teatrófilos não se importam com a ausência de Oliveira, com o que, aliás, nada tenho que vêr.

Isto, para nós, era completamente despido de interesse, se não estivesse metido no caso o mesmo português—o António Cavaco—cujo *sex appeal* pessoal tem feito pulsar muitos corações estrelados, da Cinelandia.

Os *reporters* americanos sempre ávidos de fornecerem notícias sensacionais para os seus jornais, bebilhotam tudo quanto há em Hollywood, não deixando um só momento os artistas de primeiro plano, principalmente Greta Garbo, por, com qualquer motivo, a apresentarem como modelo de Marlene Dietrich, batendo-se em discussão com outros jornais partidários da Marlène, que é sempre bôa matéria para encher colunas.

E começaram a correr susurros de que Greta Garbo era visitada tôdas as noites por um indivíduo que não conseguiam descobrir quem fôsse.

Greta Garbo viu-se perdida, e, como último recurso, a conselho do seu agente de publicidade, avisou os directores da Metro que só renovaria o seu contrato nas condições expostas, tendo em mira que: se a Metro aceitasse as condições poderia desmentir o boato, pagando uma bôa publicidade em tôda a imprensa americana, e, no caso de a Metro não aceitar as condições, iria para a Suécia com o seu bem amado.

Não sei se a Metro aceitou ou não.

Fez-se éco de que Greta Garbo pretendia ir para a Suécia, visto recear más consequências do amor que tinha pelo português, mas ao mesmo tempo não sabia como o deixar. Se algumas das suas colegas o quizesse, ela dava-o, na condição, porém, de ser bem tratado, mas logo temia que batessem no nosso amigo Cavaco, que o tratassem mal, que o obrigassem a ir às compras, etc., etc.

E, ao que consta, num belo dia, de manhã, quando meditava no que havia de fazer ao amigo Cavaco—se o dava, ou não dava—teve uma ideia inesperada: nêsse mesmo dia partia um navio para a Suécia, e resolveu abalar para a sua terra natal, sem dar o Cavaco a ninguém.

## Pequenas Notas

—Têm sido contratadas algumas artistas de teatro para o primeiro filme da S. F. S. P. Consta que lhes vão dar a fazer os papeis para forrar os *decors* do estúdio.

—O Central anuncia para o próximo programa *Escorregar não é cair*. . . filme dirigido por Reinhold Schünzel, com a colaboração de Henry Chomette. Schünzel já conheço, o outro é que não. Mas espero que não seja o Chomette o nariz onde não é chamado.

—O camarada Fernando é um prodígio de inocência! Calculem vocês que se lhe meteu na cabeça ajudar a angariar fundos para a construção do estúdio!

Leu na *Imagem* que iam organizar uma *matinée* de caridade—sim, porque para o fim a que se destina, chama-se «de caridade»—e, vai daí, começa a organizar um bando precatório, para percorrer as ruas da cidade, pedindo *corôas* para o estúdio. E já tinha assegurada a colaboração dos proprietários dos nomes mais evidenciados no meio, de uma banda de música, e de não sei mais o quê.

Mas desistiu porque, à última hora, os músicos preveniram-o de que só tocavam na condição de os primeiros fundos angariados serem para arranjar os fundos das suas calças, que já estavam com uma janela aberta, em cada lado das faces.

Posso garantir-lhes que isto foi autêntico, pois tem sido, até, o motivo de tôdas as conversas nos cinemas e cafés cinéfilos, de Lisboa.

# Cinema Português

(Conclusão)

savam de saber mais, disso eram merecedores, sobretudo aqueles que se haviam subscrito como accionistas. E para esse efeito permitimo-nos fazer algumas perguntas, embora reconhecessemos que era extemporâneo dar directrizes definidas e concretas a detalhes ainda em estudo.

— Sim! é justo — diz-nos o Sr. Alfredo Allen, sempre amável. Algumas directrizes estão já elaboradas e assentes sobretudo as preliminares e outras estão apenas em estudo.

— Quais as assentes? —

— Várias... e entre elas as que dizem respeito às negociações de material e instalação, para que em breve se comece a trabalhar.

— O director-artístico já apresentou ao conselho algum argumento para ser filmado? —

— Vamos devagar — diz-nos o nosso entrevistado, sorrindo da nossa impaciência e da nossa curiosidade. Há já qualquer coisa, mas em primeiro lugar há já bastantes assuntos a resolver. A prudência assim o aconselha! E' necessário tirar o maior rendimento com a maior economia! O capital precisa de ser aproveitado convenientemente e não desbaratado! Principia-se por onde se deve principiar...

— Onde são instalados os estúdios da Sociedade? —

— No Lumiar, aproveitando o que já está construído e que era propriedade do Sr. António Maria Lopes, conhecido capitalista e aumentando o que fôr necessário.

Tudo isto são respostas que eu não lhe devia dar. O meu cargo é no conselho de produção e como tal um serviço interno, competindo-me apenas, como aos colegas que fazem parte desse conselho, fixar as directrizes gerais das obras que devem ser produzidas e pronunciar-me sobre as propostas que forem apresentadas pelo director-artístico. Ainda é cedo para lhe dar quaisquer informes a propósito, pois não está fixada, definitivamente, qualquer obra para ser produzida, embora já haja algumas indicadas... e mesmo que estivesse teria que olhar, sem dúvida, à conveniência e inconveniência das minhas palavras.

Depois de uma curta pausa:

— Visto que já ouviram Leitão de Barros seria na verdade muito interessante para a *Invicta-Cine* que diligenciasse entrevistar o Sr. Dr. António da Fonseca, administrador-delegado da Sociedade que, estou certo, lhes dará, com agrado, informes interessantes que da minha parte, como compreendem, não posso dar...

Calámo-nos à espera que o nosso entrevistado continuasse. Desta atitude valeu-se o Sr. Alfredo Allen, para nos estender a mão.

Se não estava completamente satisfeita a nossa curiosidade alguma coisa já trazíamos de novo para os nossos leitores, dando-nos por contentes pelo que conseguimos saber.

T H O M A Z D ' A L E N C A R .

---

*La Vénus du Lycée*, é o título do próximo fonofilmado que Julien Duvivier vai realizar, sendo protagonista a encantadora Marie Glory.

Por uma empresa produtora parisiense, vai ser filmada a versão falada de *Os Três Mosqueteiros*.

Abel Gance, vai filmar *Le Vaisseau Fantôme*, inspirado na obra de Richard Wagner.

Argumento de

## As Luzes de Buenos Aires

(Conclusão)

Quando no intervalo vai ao camarim de Elvira, esta recebe-o friamente, repreendendo-o pela sua insensatez. O gaúcho não se intimida. Ama-a e por ela está pronto a tôdas as loucuras. Quando termina o espectáculo segue as duas irmãs, que vão acompanhadas por Villamil e Paulo. Vê entrar os quatro num magnífico palacete e entra também, no momento em que Villamil vai beijar Elvira. Traça-se então uma luta feroz. Villamil dispara o seu revólver sobre o gaúcho, mas Paulo desvia-lhe o braço, indo a bala cravar-se no teto.

E depois? Dois homens disputam a mesma mulher!

Qual deles vencerá? Regressará Elvira ao seu longínquo rancho ou será mais uma luz, das luzes fascinantes de Buenos Aires?

---

Numa exposição canina recentemente efectuada nos Estados Unidos, foram classificados em primeiro lugar dois belos cachôrrs de raça escocesa pertencentes à artista cinematográfica Constance Cummings.

## Carta da América

(Conclusão)

### Sylvia Sidney reaparece com Fredric March

Ainda não foi exibido em Nova York o filme *O Homem Miraculoso*, em que Sylvia Sidney tem um magnífico papel, e já agora se anuncia a sua participação numa nova fita — *Merrily We*

*Go to Hell*, que coube ao talento directivo de Dorothy Arzner, a única mulher a cargo de realizações de filmes em Hollywood.

Como colaborador de Miss Sidney temos o simpático astro Fredric March, cujo acervo de trabalhos esplêndidos, aumenta de dia para dia. Basta mencionar a sua formidável caracterização em *O Médico e o Monstro*, filme recentemente exibido em Nova York, para que se veja que Fredric March forma hoje na primeira linha dos grandes intérpretes do cinema moderno.

Não menos importante é o nome de que hoje gosa Miss Sylvia Sidney, tida por muitos dos críticos americanos como a mais tocante e mais competente intérprete dramática da tela americana.

O papel desempenhado por Miss Sidney em *O Homem Miraculoso* é sem dúvida a sua maior criação dramática até agora trazida a público.

### «Il est Charmant», novo filme em francês feito pela Paramount

Uma das mais bonitas produções francesas, feitas pelo estúdio da Paramount, de Joinville, é o filme *Il est Charmant*, que presentemente se exhibe no Cinema da Quinta Avenida, em Nova York.

Para a sua estreia, que teve lugar na noite de 10 de Abril último, convidou a Paramount grande número de pessoas da colónia francesa metropolitana e membros do corpo diplomático francês.

# Ógũa d'Ouro

apresenta na próxima 2.<sup>a</sup> feira  
o famoso cantor argentino  
CARLOS GARDEL  
no super-fonofilme

## As Luzes de Buenos Aires

---

uma produção de grande  
espectáculo, vibrante e  
apaixonada como a alma  
dum tango. Musica encan-  
tadora tipicamente argen-  
tina de Mateo Rodriguez

Realização de ADALQUI MILLAR

# CASTELO LOPES, L.<sup>DA</sup>

---

A firma detentora dos melhores  
filmes europeus e americanos

Apresenta brevemente  
a famosa obra de  
Charlie Chaplin (Charlot)

## AS LUZES DA CIDADE

---

a super-produção que  
maior sucesso obteve em  
todo o mundo e que é  
anciosamente aguardado  
pelo público português.